

OPINIÃO E DEBATE

Proposta de Coordenadoria para o Curso de Jornalismo

Marcel CHEIDA

(Professor do Instituto de Artes e
Comunicações da Puccamp)

APRESENTAÇÃO

Este texto contém as idéias básicas lançadas na campanha para a eleição do coordenador do Curso de Jornalismo, promovida pelo Departamento de Jornalismo do IAC/Puccamp, em março/abril deste ano. O texto resume uma série de propostas para a transformação da atual estrutura curricular, que se tornou obsoleta diante da realidade enfrentada pela profissão num mercado cada vez mais exigente, competitivo e sofisticado. O texto aqui publicado apresenta algumas

pequenas alterações em relação ao original, que foi distribuído a professores e alunos durante o período eleitoral. São diretrizes para um trabalho e idéias para serem debatidas, modificadas ou aperfeiçoados no decorrer dos próximos meses.

Sabemos de muitas deficiências nos cursos de Jornalismo, de modo geral, abrigados nas Universidades do País. As críticas que vêm sofrendo de profissionais e empresários apontam para a

necessidade de as escolas de Jornalismo assumirem uma reflexão radical sobre o papel que exercem na comunidade brasileira contemporânea. Esse imperativo reflete algo maior, a própria crise motivada pela fase de transição política, econômica, social e cultural por que passa o Brasil. Os cursos de Jornalismo, os estudantes, os profissionais, os docentes, as empresas e outros organismos que desenvolvem a atividade jornalística têm o dever de participar dessa discussão. As propostas aqui elencadas são uma contribuição, simples, para esse debate.

O VELHO E O NOVO

Os profissionais recém-formados em cursos superiores de Jornalismo enfrentam dois graves obstáculos quando procuram ingressar no mercado de trabalho: o preconceito sedimentado contra as escolas de Comunicação e a dificuldade dos profissionais mais experientes em ajudar os colegas mais novos no início das atividades jornalísticas, nas redações, na grande maioria, sem qualquer organização ou metodologia apropriada para transferir o conhecimento sobre as técnicas e a ética dessa atividade de cunho altamente social.

Os cursos de Jornalismo, de forma geral, foram implantados tardiamente no Brasil. Enquanto nos Estados Unidos a primeira escola de Jornalismo é criada no final do Século XIX, e o jornalista Joseph Pulitzer consolida o estudo do Jornalismo em nível universitário na década de 20, no Brasil o mesmo acontece em 1947, no curso de Filosofia da Faculdade São Bento, mantida então pela Fundação Casper Líbero em São Paulo (Marques de Mello, 1979). Um outro detalhe: logo após a revolução na ex-URSS em 1917, os cursos de Jornalismo são estruturados nas repúblicas socialistas (Medina, 1987). Mas é na década de 60, sob o autoritarismo do governo militar, que os cursos de Comunicação, com habilitação em Jornalismo, se espalham pelo Brasil. O que inspirava esses cursos era a preocupação técnica, moldada pela influência do acordo MEC/Usaid, firmado entre o governo brasileiro e o governo norte-americano (Marques de Mello, 1979). Com o advento da queda do regime militar, a democratização impeliu as universidades à autocrítica e a transformar seus currículos e orientação pedagógica conforme a expectativa da sociedade e dos novos princípios constitucionais, firmados sob o Estado de Direito e o respeito à cidadania.

Hoje, os cursos de Jornalismo enfrentam uma transição severa, marcada pela perplexidade. Uma preocupação fundamental toma conta dos professores, alunos e escolas: preparar novos profissionais conforme a exigência do mercado de trabalho exíguo e competitivo, ao mesmo tempo distanciado do contexto acadêmico. A Puccamp vem, nos últimos anos, divulgando textos e diretrizes pedagógicas voltadas para a inserção definitiva da Universidade no contexto da sociedade, de forma que aquela ofereça a esta serviços e benefícios inspirados na doutrina cristã, princípio que deve forjar a estrutura acadêmica comprometida e engajada com os problemas sociais de forma geral e específica. Essa fundamentação carrega uma preocupação histórica e de cunho altamente social e humano. O Jornalismo, como atividade e disciplina inseridas nas ciências humanas, deve se organizar a partir de uma estrutura conceitual, técnica e ética moldada por esses princípios, pois, como atividade meio, a matéria-prima que lhe dá sustentação institucional é o cotidiano sócio-político, produzido pelo indivíduo em sua plenitude como ser humano.

Angariar a credibilidade nos cursos superiores de Jornalismo é um desafio que estudantes,

professores, profissionais e empresários da Comunicação têm pela frente. A iniciativa, entretanto, cabe às escolas, aos professores e estudantes, pois a partir daí que novos conceitos e princípios reorientação o Jornalismo como atividade acadêmica sincronizada com o mercado de trabalho.

CONSCIÊNCIA CRÍTICA

O espírito cristão oferece ao campo pedagógico vetores de formação ética engajados com a transformação social rumo ao "homem novo" (Frutuoso Braga Pe., 1978), ou aquele indivíduo que **"vai adquirindo uma consciência crítica dentro da história que os homens estão construindo"**.

Não existe nada mais convergente para o procedimento jornalístico do que a consciência crítica sobre a construção da história, tomada como contexto resultante da interferência constante e dinâmica do homem consciente de seu papel transformador. Ao investigar e divulgar a informação, o jornalista propicia à sociedade acesso ao conhecimento, respeitando os indivíduos em suas particularidades e opções de vida. O Jornalismo é um registro diário do cotidiano, elemento

fundamental para referências sobre a construção da história.

É sob esse aspecto que o curso de Jornalismo deve direcionar sua estrutura, levando em consideração o processo engajado de transformação social para o qual a atividade profissional pode contribuir decisivamente. Tal procedimento toma prioridade e urgência na medida em que o País procura, com muito esforço, sedimentar o Estado de Direito, vetor essencial no processo de democratização. A consciência crítica toma corpo no contexto de produção das normas legais via esforço coletivo, político, comprometido com os rumos sociais.

INTEGRAÇÃO ESCOLA/EMPRESA

A motivação do mercado de trabalho, impulsionado pela concorrência empresarial na disputa pelo consumidor, injeta nas empresas estrutura para municiar e adequar as atividades profissionais de forma modernizadora e mais eficiente. As grandes e médias empresas de Comunicação possuem uma infra-estrutura operacional muito além da estrutura acadêmica e laboratorial encontrada

nas escolas de Jornalismo. As causas são várias para a ocorrência desse desencontro. Dele resulta a diferença de conhecimento, habilidade técnica e postura ética entre o recém-formado e os profissionais mais antigos nas redações.

Enquanto as redações dos grandes e médios jornais (impressos e eletrônicos) dispõem de uma estrutura informatizada, a Puccamp, mais especificamente o curso de Jornalismo, ministra a orientação profissional condicionada por um sistema operacional ultrapassado tecnologicamente. O curso e a Universidade precisam encontrar fórmulas destinadas a amparar os laboratórios com equipamentos modernos e convergentes com a demanda do mercado (veja proposta abaixo).

A partir das premissas que movem uma Universidade Católica, do espírito humanista, o Curso de Jornalismo deve buscar elementos acadêmicos necessários para sincronizar o que se aprende na escola com a atividade cotidiana profissional das empresas ou outras organizações produtoras de informações de natureza jornalística. Tal procedimento deve ser entendido como meio de preparar o estudante para desempenhar a profissão sob o molde de uma conduta moral sólida, a fim de sempre considerar o interesse

público e social como objetivo último da atividade jornalística.

Num País carregado de diferenças sócio-econômicas e regionais, o Jornalismo exerce uma função delicada e poderosa ao mesmo tempo. A conscientização ética da profissão e o domínio técnico do conhecimento jornalístico são premissas para orientar a elaboração do currículo acadêmico, bem como dirigir o contexto pedagógico. Mesmo porque, o estudante e o recém-formando precisam ter acesso ao conhecimento sobre as contradições e os conflitos de nossa sociedade para, então, poder instrumentalizar o jornalismo para oferecer estímulos à superação dessas distâncias históricas e sociais.

Sob esse aspecto, a Coordenadoria de Curso e o Departamento de Jornalismo, com o suporte da Direção do IAC e da Universidade, precisam desencadear imediata discussão e estudos para a reinserção do sistema de troca de experiências e conhecimento entre as redações comerciais e institucionais e o curso, ouvido o Sindicato dos Jornalistas, de forma a, já no 4º ano, retomar o estágio, devidamente planejado para evitar prejuízos aos estudantes e contravenções à regulamentação profissional.

COMUNICADOR

O Jornalismo é um conjunto de conhecimentos que convergem para uma atividade profissional, formatada por uma técnica e uma ética que lhe garantem a característica de atividade inter e multidisciplinar. Se na particularidade o Jornalismo evidencia-se pela produção técnica e compromisso ético, como área multidisciplinar o Jornalismo depende, para sua promoção, de uma fundamentação moral e cultural que expresse a adoção de uma postura universal, humanística. Ou seja, todo profissional deve ter um embasamento cultural e humanístico para poder dominar eticamente os instrumentos técnicos oferecidos pela profissão. O jornalista, portanto, só poderá atingir a plenitude da profissão se antes souber ser um comunicador, no sentido mais amplo do termo.

A comunicação somente existe no plano social. Só é possível no contexto coletivo, num procedimento participativo entre interlocutores. A construção da comunicação depende da produção e circulação da informação e do necessário processamento do conjunto de informações obtidas pelo indivíduo. É na troca de informação, num plano equilibrado de possibilidades e oportunidades, que

a comunicação é possível. O jornalista precisa da fundamentação oferecida pela Comunicação, pois através dela poderá despertar-se para o sentido social do jornalismo e, desta forma, evitar proceder como um simples produtor e repassador de informações, correndo o risco de cair na armadilha do tecnocratismo. Neste caso, deixa de existir o compromisso ético.

O curso de Jornalismo deve se estruturar sob essas premissas a fim de conquistar e consolidar a credibilidade necessária para a ampliação e a inserção de seus formados no mercado de trabalho. Embora a Puccamp hoje tenha uma dimensão institucional reconhecida, os formados no curso de Jornalismo poderiam encontrar obstáculos menores quando ingressarem no mercado de trabalho (eliminar todos obstáculos é uma tarefa impraticável).

CIÊNCIA JORNALÍSTICA

Ao contrário dos profissionais que ainda vêem o jornalismo como uma atividade puramente técnica, reduzida a uma profissão romantizada pela influência ideológica e panfletária do Século XIX, o Século XX construiu elementos científicos suficientes para demonstrar que noticiar o cotidiano é muito mais

complexo do que o exercício padronizado de escrever com imparcialidade e isenção (Meyer, 1989).

Juarez Bahia, em sua obra já clássica, *Jornal, História e Técnica - 2 - As Técnicas do Jornalismo*, faz a seguinte observação:

"A moderna estrutura do jornalismo é ditada pela sua condição de disciplina científica que abrange uma teoria e uma prática, uma tecnologia própria. Nela, a organização da notícia corresponde a uma série de necessidades de produção que o veículo industrial é obrigado a observar nas suas relações de mercado." (pág. 41)

Em que pese o autor cometer uma impropriedade ao separar a teoria da prática, o que em termos filosóficos e científicos não passa de uma abstração, o jornalismo moderno possui estrutura científica tanto em nível acadêmico como no plano de aplicação e sistematização da estrutura empresarial e de mercado. Desde que Otto Groth sistematizou as leis jornalísticas na década de 30, essa disciplina tem o status científico.

Ocorre que se o jornalismo é ciência, a Universidade deve estruturar o curso de acordo com a pedagogia científica, com métodos e atividades laboratoriais correspondentes. A reformulação da

estrutura curricular e pedagógica do curso de Jornalismo da Puccamp se encontra entre as prioridades inevitáveis para a modernização do ensino administrado hoje em dia.

Alberto Dines (In O Jornalismo na Nova República) reforça o princípio da multidisciplinaridade como fator primordial para a formação do profissional, que não pode dispensar a formação universitária:

- A atividade jornalística é multidisciplinar. Eu venho de uma empresa, trabalho neste momento numa empresa que prega que nós devemos ter jornalistas que sejam repórteres, redatores, diagramadores, designers, produtores de fotos, fotógrafos, administradores-jornalistas, homens de marketing jornalistas, homens de circulação do Jornalismo. Muito bem, onde é que nós vamos buscar estes jornalistas de marketing senão nas escolas de Jornalismo? Como é que nós vamos fazer um profissional multidisciplinar como um homem de Jornalismo de marketing senão na escola de Jornalismo?

A multidisciplinaridade, para ser organizada e transformada em sistema de transmissão de conhecimento acadêmico-pedagógico, depende de uma estrutura especializada, institucionalidade, que ofereça os elementos necessários à construção do saber,

dentro da premissa da descoberta desse saber, e não como simples instrução. O papel da ciência torna-se im-prescindível, portanto. E uma em-presa ou qualquer outro organismo de produção jornalística, profissional - comercial ou institucional, não dispõe dessa estrutura, por causa de seu alto custo e da especialização inerente.

Interessante notar que muitos dos que criticam o papel dos cursos superiores de Jornalismo tomarem como referência os profissionais norte-americanos, desobrigados da exigência do diploma de jornalista, em nível universitário, para exercerem a atividade. Essa crítica demonstra a falta de conhecimento da realidade norte-americana, onde, além de haver uma integração escola-empresa, noventa por cento dos jornalistas são formados nos cursos universitários (Medina, 1987).

Essas críticas fundamentam-se na visão tecnicista do Jornalismo, moldada pelas premissas da atividade em períodos passados, anteriores à fase industrial, que Freitas Nobre (Comentários à Lei de Imprensa, 1988) denominou de Romântico. Ao atacar as universidades e os cursos de Jornalismo, os críticos reduzem o papel da escola e o subordina a um empirismo formulado pela visão egocêntrica do profissional que

adquiriu esse status apenas mediante a experiência pessoal.

MUDANÇAS/PROPOSTAS

O curso de Jornalismo deve se sustentar num tripé: conhecimento humanista, conhecimento ético e conhecimento técnico. O currículo, portanto, pode ser estruturado sobre as três áreas de conhecimento, a fim de oferecer um sistema de atividades acadêmicas e pedagógicas que concorram para estimular o estudante a se despertar e tomar consciência de seu papel enquanto profissional e indivíduo dotado de uma dimensão social engajada, comprometido com as transformações necessárias em busca do bem comum.

Desta forma, se a escola possui uma função social, porque institucionalizada, todos seus agentes, professores, dirigentes, funcionários e estudantes, têm de estar comprometidos com princípios que norteiam a conduta coletiva - neste caso, o ato político desponta na mais alta acepção do termo. O fenômeno dialógico professor e aluno não pode, conseqüentemente, se circunscrever à

sala de aula e à qualquer atividade avaliativa per si, como predomina hoje no IAC. O campo de trabalho e atuação, acadêmica e pedagógica, transcende e procura o contexto social, cuja malha deve ser sempre considerada, nunca excluída ou hipostasiada, para todo conjunto de atividade escolar.

As mudanças pretendidas no curso, portanto, devem ser geradas a partir da instalação de um processo transitório, justificado pela imperiosidade de a comunidade tomar consciência de seu papel e de seus objetivos humanistas, éticos e profissionais.

ESPECIALIZAÇÃO

A Coordenadoria de Curso implementada vai estabelecer um projeto curricular combinando as ciências humanísticas acopladas à Ética, integradas com o conhecimento jornalístico, num processo de integração e interrelação. As disciplinas ministradas nesse bloco serão orientadas de forma a inserir o estudante no universo científico como meio de obtenção e construção do conhecimento. Dentro deste, o Jornalismo como derivação do conhecimento inter e multidisciplinar. A interdisciplinaridade torna-se nesse programa um vetor

decisivo para consolidar o processo de integração curricular, cuja finalidade maior é dotar o estudante de uma postura impermeável a preconceitos e estereótipos que dominam o senso comum.

Ana Mae Barbosa, In "Ideologia e Poder no Ensino da Comunicação", oferece uma perspectiva do significado da interdisciplinaridade:

"Podemos afirmar que a função da Interdisciplinaridade não é comunicar ao indivíduo uma visão integrada de todo o conhecimento, mas desenvolver nele um processo de pensamento que o torne capaz de, frente a novos objetos do conhecimento, buscar uma nova síntese."

Ao dominar o campo mínimo do conhecimento e da técnica como expressões da ciência, o estudante tende a ser um agente de investigação e descoberta do mundo, o que possibilitará um avanço maior no campo intelectual e profissional.

O bloco básico das disciplinas, portanto, será a alavanca para o estudante de Jornalismo ingressar na universalidade do conhecimento, abandonando de fato o senso comum para substituí-lo pelo senso científico.

O segundo bloco curricular vai se compor das disciplinas comuns específicas do Jornalismo. Neste

caso, os fatores e questões éticas e técnicas comuns que fundamentam as leis do Jornalismo serão objeto da composição curricular e acadêmica. Será uma introdução às disciplinas comuns do terceiro bloco curricular, o da especialização profissional.

O terceiro bloco oferecerá quatro opções de formação básica profissional: Jornalismo Impresso, Radiojornalismo, Telecinejornalismo e Editoração. Nesta etapa, o estudante terá embasamento científico necessário para dotar a sua capacidade intelectual de um aprimoramento específico, técnico-profissional, sobre a confecção e a produção editorial, imprensa e eletrônica do Jornalismo.

FASES DE TRANSIÇÃO

As etapas a serem cumpridas pela Coordenadoria de Curso devem seguir este plano de trabalho:

a) Eleição do coordenador de curso, dentro das regras já estabelecidas pelo Departamento de Jornalismo junto com a Direção do Instituto de Artes e Comunicações;

b) Elaboração de um programa mínimo do curso de Jornalismo a partir de levantamentos e dados sobre a realidade da profissão em nível local, regional e nacional;

c) Estipular o plano fundamental pedagógico e acadêmico sobre o

conhecimento humanista, ético e técnico como orientador da reforma curricular;

d) Implantar um programa mínimo interdisciplinar, conjugando os diversos blocos de conhecimento (humanístico, ético e técnico) gerais e específicos, subordinados a uma coordenadoria pedagógica permanente, a ser criada dentro da Coordenadoria de Curso, como linha auxiliar acadêmica;

e) Reorientar a função dos laboratórios, integrando-os com o contexto do curso, considerando-os com as salas de aula um todo acadêmico de formação profissional básica (nenhuma escola superior "forma" um profissional, dotando-o de todo conhecimento e habilidade técnica indispensável ao desempenho pleno da profissão escolhida. Como ciência, o Jornalismo vive em intensa transformação, tal qual a sociedade. As bases científicas, sim, devem ser responsabilidade da escola de forma a dotar o estudante de uma visão de mundo dinamizada, em constante abertura para as inovações. O profissional dotado desse estímulo científico estará mais disponível para aperfeiçoar seus conhecimentos e descobrir novas técnicas);

f) Preparar um programa periódico de reciclagem dos

docentes, individual e coletiva, estimulando-os à carreira acadêmica;

g) Implantar um programa de produção acadêmica dos docentes, visando às publicações;

h) Criar um programa de publicação dos trabalhos discentes, dividindo-os em publicações jornalísticas laboratoriais e publicações acadêmicas em nível de graduação;

i) Implantar um programa de treinamento básico de produção jornalística intensiva, extra-aula, sob supervisão conjunta de professores do curso e de profissionais com militância nas empresas de jornalismo;

j) Implantar um calendário periódico de seminários, simpósios e mesas redondas com especialistas, acadêmicos e profissionais da área, com respectivas publicações;

k) Reforma curricular - manter um programa de constante atualização curricular;

l) Introduzir definitivamente disciplina(s) voltadas ao aprendizado de novas tecnologias.

m) Instalar um núcleo administrativo no IAC para organizar e administrar um calendário de eventos, seminários, simpósios, semanas de estudo etc., integrado às coordenadorias departamentais e de curso.

ALTERNATIVAS ESTRUTURAIS

Três procedimentos estruturais que podem definir melhor o perfil acadêmico do estudante de Jornalismo dependem de mudanças que poderão ser introduzidas a curto e médio prazos no sistema curricular. Se o Curso de Jornalismo opta de fato para preparar profissionais qualificados em formação básica, há a necessidade de selecionar melhor os estudantes que ingressam no curso. Ao mesmo tempo, devido à complexidade multidisciplinar do Jornalismo, é impensável manter um currículo de apenas quatro anos. A reformulação curricular vai, inevitavelmente, abrigar novas disciplinas e treinamentos técnicos em virtude da dimensão que toma corpo no Jornalismo como ciência e técnica, conjugando a visão universal do conhecimento com a especialização profissional.

As três alterações, portanto, propostas:

a) A Coordenadoria de Curso apresentar um programa de pré-seleção no vestibular, cujo objetivo será o de oferecer a oportunidade de ingresso no curso de Jornalismo aos candidatos com melhor embasamento intelectual, tendo um mínimo de cultura geral

bem como o domínio da língua portuguesa. O domínio da língua portuguesa é fundamental para qualquer candidato ao curso de Jornalismo que, atualmente, depende de aulas de Português durante os quatro anos, numa carga horária que poderia ser melhor aproveitada. Nota-se que inúmeros alunos ingressam no curso sem o menor conhecimento das regras fundamentais para escrever. Esse quadro se constitui num vetor que freia o desempenho do curso e oferece um desnível muito acentuado entre os estudantes, obrigando professores de disciplinas especializadas ou não a concentrarem esforços em áreas de aprendizado que não cabem à Universidade, como o domínio mínimo da língua portuguesa.

b) Além da introdução de novas disciplinas, alteração de outras e implantação definitiva da interdisciplinaridade, o curso precisará ser ampliado para cinco anos, o que oferecerá tempo para melhor distribuição das disciplinas e atividades. Um detalhe: ao contrário do que se pode pensar aparentemente sobre os cinco anos, esse período não é exagerado de forma alguma. Senão, vejamos: a corrente dos críticos favoráveis à desobrigatoriedade do diploma defende a formação dos profissionais

na soma do curso de graduação, em qual-quer área, (04 anos) mais a pós-graduação, em nível de especialização, (02 anos) que daria a habilitação técnica da atividade (Revista Imprensa, nº 55). Ou seja, seriam 06 anos de escola, no mínimo. A proposta aqui apresentada oferece os 05 anos, divididos nos blocos curriculares. O tempo de 05 anos coincide com a proposta apresentada na Universidade de Brasília, em dezembro de 1991, conforme escreveu o professor Hélio Doyle, da Faculdade de Comunicação, na revista Imprensa, em março deste ano.

c) Definir melhor o perfil dos cursos noturnos e matutino, respeitando o contexto social de cada grupo discente de forma a proporcionar as melhorias curriculares e acadêmico-profissionais em convergência com o projeto de vida de cada estudante. Neste caso, há necessidade de sincronizar o aparato curricular com o perfil da demanda por período, em virtude das realidades sócio-econômicas bastante diferenciadas.

PROCEDIMENTOS EMERGENCIAIS

Em curtíssimo prazo, a fim de elevar a qualidade do curso

ministrado atualmente, alguns procedimentos podem ser adotados em conjunto pelo Departamento de Jornalismo e Direção do IAC. Hoje, entre as principais críticas apresentadas ao desempenho do departamento estão as que se referem ao discutível nível de preparação dos docentes, a ausência de uma infra-estrutura laboratorial condizente com a necessidade de equipamentos didático-pedagógicos nas disciplinas de especialização, falta de informações administrativas e acadêmicas ao corpo docente e discente, ingresso de professores, ausência de estímulos à especialização docente, ausência de estímulos à formação intelectual e profissional discente, deficiência na orientação de projetos pedagógicos, excesso de burocracia no encaminhamento de questões pedagógicas etc.

A fim de se buscar alternativas viáveis a curtíssimo prazo, tenho a propor:

a) Estabelecimento de um plano mínimo de trabalho entre os professores para ingressarem na carreira acadêmica e procurarem se especializar;

b) Estabelecimento de um projeto imediato interdisciplinar, com orientação didático-pedagógica dos escalões superiores da Universidade;

c) Imediata rediscussão sobre a integração escola/empresa, com a participação dos organismos afins;

d) Instalação de um Conselho de Orientação Pedagógica composto pelos Coordenadores de Curso e Orientadores Pedagógicos lotados no IAC, cuja finalidade será estabelecer uma relação direta e dialógica entre alunos, professores e curso como objetivo de esclarecer dúvidas e corrigir distorções administrativas resultantes da prática pedagógica e didática duvidosa e/ou deficiente. O Conselho de Orientação Pedagógica será em caráter permanente, ficando à disposição do alunado e do corpo docente para esclarecimento de dúvidas e superação, ágil e desburocratizada, das questões que possam ter o status de conflituosas. As questões que se apresentarem mais complexas seguirão o trâmite normal estipulado pelas normas da Universidade, nos graus de recursos.

e) Criação de cursos anuais de especialização destinados aos professores nas disciplinas específicas de Jornalismo, com debatedores e palestristas convidados e com reconhecida experiência profissional e/ou acadêmica;

f) Implementação de Seminários e Simpósios dirigidos ao

corpo discente e aos profissionais da área da Comunicação Social.

g) Implementação de um programa concentrado na disciplina de língua portuguesa, com o objetivo de aprimorar o domínio redacional do corpo discente.

h) Implantar todos os anos os cursos extracurriculares, que podem ser ministrados em janeiro, a partir de um programa de trabalho de reforço didático-pedagógico. Esses cursos seriam dirigidos aos alunos que apresentarem maior deficiência nas diversas disciplinas anuais.

i) Instalar um programa de biblioteca especializada e de acesso ao corpo discente e docente, com o objetivo de baratear as despesas com livros e outros tipos de edições.

PROJETOS EXPERIMENTAIS

Um capítulo especial. Os projetos experimentais devem ter seu regulamento revisto imediatamente. As normas e os objetivos em vigor estão aquém das necessidades da formação acadêmica e profissional. Os projetos devem seguir os seguintes indicativos:

a) Eliminar em definitivo o termo monografia para designar as

diversas etapas redigidas do projeto, denominando-as de anteprojetos (fase de qualificação) e roteiro do projeto (fase pós-qualificação), que culminarão com a apresentação da proposta pela equipe; a monografia, entretanto, pode ser uma opção da equipe, mas desde que orientada devidamente pela disciplina de Metodologia do Trabalho Científico, que deve dar o suporte metodológico para todos projetos;

b) Os professores orientadores serão escolhidos pelas equipes, independente de ministrarem aulas somente no quarto ano. Os professores orientadores deverão, de preferência, ser escolhidos de acordo com sua especialidade, a combinar com a proposta prévia do projeto experimental;

c) Todos projetos qualificados recebem, previamente, pontos ou conceitos que serão computados com a média final (a qualificação será considerada a fase primeira de avaliação do projeto);

d) A equipe, acordada com os orientadores, poderá convidar um profissional de renome e com notória especialização para compor a banca de julgamento da apresentação final do projeto. As notas, entretanto, serão emitidas com exclusividade pelos professores, cabendo ao convidado emitir um conceito que

será considerado pelos docentes da banca;

e) Outras propostas serão consideradas.

INTEGRAÇÃO COMUNITÁRIA

Um dos principais e mais destacados pontos de inserção social e institucional da Universidade é o serviço que ela pode oferecer às comunidades. No caso do curso de Jornalismo, isso exige um projeto complexo e muito bem preparado. Numa País com uma concentração de renda de alta densidade, a distribuição de recursos é profundamente injusta. Portanto, a minoria da população dispõe de recursos para investir no consumo de informação.

Contudo, o Jornalismo oferece nos dias atuais instrumental destinado a dar cobertura à distribuição de informação e estimular a produção de informação junto às comunidades que poucas oportunidades têm para acessar o conhecimento. No currículo em vigor na Puccamp, há a disciplina de Jornalismo Comunitário, que, ainda incipiente, pode ser reavaliada para dar sustentação, com outras disciplinas correlatas, a um projeto

de produção comunitária de informação Jornalística. Para se atingir tal patamar, entretanto, uma discussão profunda sobre a regulamentação profissional é necessária. Isto porque, o sentido de comunidade contrapõe-se às exigências econômicas e legais para o exercício da profissão e para a produção de jornais. Estes, de acordo com a legislação vigente, são permitidos desde que enquadrados em preceitos jurídicos e econômicos que moldam uma iniciativa empresarial e a ela se dirigem, excluindo, portanto, o contexto comunitário de produção da informação. A contradição precisa ser avaliada, analisada e pesquisada a fim de se encontrar uma alternativa.

RECURSOS

A Reitoria da Puccamp, em diversas oportunidades, manifestou a necessidade de obtenção de recursos oriundos de fontes externas que não os estudantes, com o objetivo de equipar melhor os laboratórios. No curso de Jornalismo a viabilidade de obtenção de recursos das empresas privadas e órgãos de governo dependem de projetos que, com o atual currículo e estrutura funcional, aparentam inacessíveis. Hoje, entretanto, o Jornalismo oferece alternativas várias que

podem ser transformadas em projetos destinados à obtenção de recursos. Contudo, pelo noviciado do curso e do corpo docente nesse campo, impõe-se a elaboração de projetos específicos, orientados pela Direção do IAC e pela Reitoria, com a finalidade de buscar recursos para a modernização tecnológica laboratorial.

O esforço nesse sentido depende das mudanças propostas para o curso poder ter uma estrutura mais eficiente no campo curricular, de forma convergente com as aspirações de mercado.

CRONOGRAMA

Entenda-se curto prazo o período mínimo necessário para o Departamento de Jornalismo e as instâncias superiores da Universidade deliberarem sobre as exigências imediatas. No caso do projeto da Coordenadoria Curso, pode-se considerar as seguintes datas.

AGOSTO/92 - Apresentação de um ante-projeto para a reformulação do Curso;

NOVEMBRO/92 - Deliberação sobre o projeto;

JANEIRO/93 - Preparação da implantação das mudanças definidas

nos colegiados; estabelecimento do horário de aulas e prévio planejamento da distribuição das aulas aos professores para o ano letivo; encaminhamento dos concursos para preenchimento das vagas docentes (os professores convidados, se houver, deverão ser submetidos às bancas indicadas pelo Departamento. Os currículos apresentados deverão ser pormenorizados em informações sobre a vida profissional do candidato, bem como os documentos correspondentes anexados em forma de cópias xerográficas).

AGOSTO/93 - Encaminhamento do projeto de reestruturação pedagógica e curricular para aprovação nos órgãos superiores da Universidade;

FEVEREIRO/94 - Implantação do novo currículo e da nova estrutura pedagógica.

Estas datas podem ser consideradas como referenciais ou limites flexíveis conforme as

necessidades e acontecimentos a serem enfrentados no decorrer da preparação e implantação do projeto.

BIBLIOGRAFIA

- (Org.) Marques de Mello, José; Fadul, Anamaria;
- LINS e Silva, Carlos E. **"IDEOLOGIA E PODER NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO"** Cortez & Moraes - Intercom. S. P., 1979.
- Bahia, Juarez. **"JORNAL, HISTÓRIA E TÉCNICA - AS TÉCNICAS DO JORNALISMO"**. Ed. Ática. S. P. 1990.
- MEYER, Phillip. **"A ÉTICA NO JORNALISMO"**. Brasiliense. S. P. 1989.
- Pe. Fructuoso Braga, José M. **"A MORAL DO HOMEM NOVO"**, in VIDA PASTORAL. Ed. Paulinas. 1978
- MEDINA, Cremilda (org.) **"O JORNALISMO NA NOVA REPÚBLICA"**. Summus Editorial. SP. 1987.